

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Pantanal 07

Data: 10/06/88 Pg.: D5

# O rio Taquari envenena o Pantanal com agrotóxicos

Wagner Avancini/Divulgação

Do correspondente em Cuiabá

O Mato Grosso do Sul possui 2/3 da área do Pantanal que está sob constante ameaça de um grande desastre ecológico devido à ação predatória do homem, sobretudo dos agricultores. O plantio incorreto nas fronteiras agrícolas de soja, abertas nos últimos 12 anos na região norte do Estado, faz com que o rio Taquari transporte até o Pantanal 30 mil toneladas de terra, segundo afirma o secretário de Meio Ambiente do Estado, Harri Amorim Costa, 61.



A terra não acarreta apenas o assoreamento do Taquari, mas também o envenenamento das águas por agrotóxicos e fertilizantes, que acabam comprometendo a vida de peixes, pássaros, animais silvestres, seguindo a cadeia alimentar até o chegar ao homem pantaneiro. O rio Taquari é um dos dois úteros de reprodução de peixes do Pantanal, o outro é na região do Amolar, no norte de Mato Grosso.

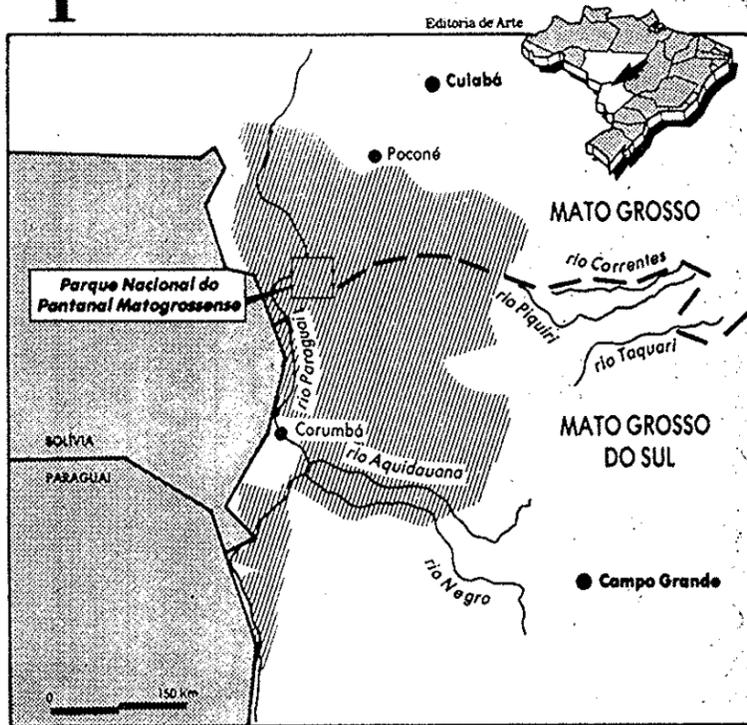
A maior consequência do envenenamento e do assoreamento do Taquari foi sentida no ano passado durante a piracema. Os técnicos da Secretaria de Meio Ambiente do Estado (SEMA), detectaram a redução de 50% do volume de peixes que procuram suas cabeceiras para reprodução. O Taquari era excelente para a procriação de peixes de escama, principal alimento de várias espécies de aves.

O processo de morte do Taquari pode ser visto a olho nu, mas não tem o caráter de um desastre ecológico porque o processo é lento. No ano passado, o rio não apresentou: um dos maiores espetáculos turísticos do Estado: pacus, dourados, piaus, lambaris subindo o Taquari em filas de até 40 quilômetros.

### Desgaste político

O secretário Harri Amorim afirma que no Pantanal sul-matogrossense a "única área que já não é mais possível conservar a natureza é a da Baía do Taquari que precisa passar por uma cirurgia". A informação de que pelo menos 100 mil hectares de soja de cerrado estão despejando agrotóxico no Pantanal, fato que, segundo Amorim, aumenta a possibilidade de um desastre ecológico, impressionou o governador Marcelo Miranda (PMDB), que teme enfrentar as "consequências de sua ocorrência".

Para tentar escapar desse desgaste político, Miranda criou um projeto, anunciado há uma semana, durante a abertura da Semana do Meio Ambiente, que pretende reforestar cerca de 150 quilômetros de



A região do Pantanal nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

matas ciliares das margens do rio Taquari.

As entidades de preservação do Pantanal acreditam que as influências externas às quais a região está submetida são mais prejudiciais à sua saúde ecológica do que as ações predatórias internas. O diretor da Sociedade de Defesa do Pantanal (Sodepan), entidade que aglutina fazendeiros ecologistas, Nilson de Barros, 34, também chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal — órgão do Embrapa com sede em Corumbá — afirma que além dos problemas do agrotóxico, do mercúrio vindos do garimpo de Poconé (MT) e dos caçadores de jacarés, a ameaça da mudança de costume do homem pantaneiro "é um risco maior para a ecologia".

A introdução de tecnologia na exploração econômica no Pantanal, proveniente de grandes empresas como a Camargo Corrêa e o grupo Ometo, "estão subvertendo o comportamento do peão pantaneiro, que perde o respeito pela natureza e parte, por exemplo, para a caça ao jacaré que é mais lucrativo", diz Barros.

A nova mentalidade implica também em desmatamento. O Pantanal é a maior planície inundável do mundo, toda alinhavada por cordilheiras (elevações de no máximo 2 metros) que nunca inundam. Essas cordilheiras, segundo a Embrapa, representam cerca de 1/3 do território do Pantanal e estão sendo alvo de desmatamento para a formação de pastagens para abrigar o rebanho

bovino durante a enchente semestral da região pantaneira.

Segundo técnicos do Sema, isso vem provocando a falta de abrigo para centenas de espécies animais. "O prejuízo ecológico é maior que os benefícios", afirma Harri Amorim.

### Caça e pesca

Depois de aprovada a Lei Fragelli, que tornou inafiançável os crimes contra a ecologia, a Polícia Florestal do Mato Grosso do Sul, criada há um ano pelo governador Marcelo Miranda, conseguiu prender apenas dois coureiros. O ex-presidente do Senado, José Fragelli, disse à Folha que a maior expectativa sua ao formular a lei era de que "os coureiros presos entregassem à polícia a máfia de contrabando de peles que atua no Pantanal". Mas isso não vem ocorrendo.

Estima-se que saem do Pantanal Matogrossense, anualmente, 1,7 milhão de peles de jacarés da espécie Caiman. São comercializadas por ano 2 milhões de peles, sendo que somente 300 mil são fornecidas às indústrias por cativeiros legalizados. O grande número de pistas de pouso existentes nas 3 mil propriedades rurais do Pantanal e a falta de controle dos vãos no aeroporto de Corumbá-MS, segundo Nilson de Barros, "deixa livre o caminho do contrabando de peles". Barros afirma que se houver um "breque brusco" à ação dos coureiros "pode-se evitar o vácuo biológico que a extinção do jacaré acarretará para o ecossistema pantaneiro".



Coreiros como o que retira para venda a pele de três jacarés matam no pantanal dois milhões de jacarés por ano

## Garimpo jogou 798 kg de mercúrio

Em 1986, o garimpo de Poconé (100 km ao sul de Cuiabá, MT) foi responsável pelo despejo de 798 kg de mercúrio nos rios que deságuam no Pantanal matogrossense. Para se ter uma idéia do que esta quantidade representa, o geólogo da Metamat (Companhia de Mineração de Mato Grosso) Max Salustiano de Lima, 32, que coordenou a pesquisa realizada na região, lembrou que o maior acidente já ocorrido com mercúrio foi em Minamata, no Japão, quando foram despejados 40 kg do produto num rio.

"Não existe registro de despejo como este no mundo", afirmou o geólogo. Para ele, a diferença é que a rede hídrica da região é muito grande e capaz de absorver o mercúrio. O problema maior é que o mercúrio sedimentado no rio é ingerido por pequenos peixes, que fazem parte da cadeia alimentar do ecossistema e servem ao homem.

A pesquisa mostrou que a retirada de terra na busca de ouro foi grande. Apenas em Poconé, foram jogados nos rios 3.242.304 metros cúbicos de

terra. A destruição ecológica resultou na coleta de 1.316.64 kg de ouro.

Segundo o secretário do Meio Ambiente do Estado, José Pedro Rodrigues Gonçalves, 43, a destruição serve para que os garimpeiros tenham um aproveitamento de 40% das jazidas. "Iniciamos um trabalho junto com os técnicos para explorar o ouro racionalmente sem degradar o meio ambiente", disse.

A secretaria determinou a realização de uma espécie de mapeamento para identificar as áreas que serão autorizadas para a exploração garimpeira. "Não haverá garimpo no Pantanal", afirmou o secretário. Mas ele admitiu que o garimpo clandestino continua. O cálculo é que 60% dos 600 garimpeiros permaneceram na área.

### Monitoração da água

A proposta da Secretaria Estadual do Meio Ambiente é a monitoração de toda a água que vai para o Pantanal. Para que isto aconteça, está sendo montado em Cuiabá um

laboratório de análise. "Há três níveis de ação para preservar o Pantanal", disse. O primeiro, na esfera estadual, consiste no controle da atividade agrícola nas regiões próximas aos rios, através de microbacias e reconstituição das matas ciliares, com fiscalização feita pelos municípios.

O segundo, a nível municipal, consistiria na rearticulação do consórcio intermunicipal de desenvolvimento do Pantanal, o Cidepan, um órgão extinto há anos, que seria reativado para tratar o Pantanal. O terceiro, a nível institucional, seria a criação de um instituto de pesquisas que envolvesse os dois Estados.

"Numa segunda etapa incluiríamos o Paraguai e a Bolívia neste processo", afirmou José Pedro. "A futura Constituição já incluiu o Pantanal como parte do patrimônio do país, mas ele precisa ser transformado em patrimônio da humanidade. Se não tomarmos providências agora, as gerações futuras correm o risco de não conhecê-lo".